2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 10. QUINTA FEIRA, 14 DE NOVEMBRO DE 1850. 10.º ANNO.

SCIENCIS, AAGRICULTURA E INDUSTRIA.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Conselho superior.

125 No estado imperfeito e lastimoso, em que todos consideram a nossa instrucção publica, era esperada, com anciedade, a sessão solemne do seu Conselho Superior.

A sessão celebrou-se em Coimbra a 30 de Outubro findo, presidindo o Reitor da Universidade, vice-presidente do Conselho, e estando presentes seis vogaes ordinarios e onze extraordinarios.

Esperavamos que os trabalhos dessa sessão, impressos e reunidos em um só documento, viessem auxiliar o estudo dos homens que pensam na tão indispensavel reforma da nossa instrucção publica.

Não nos consta que taes trabalhos se reunissem e se publicassem, e, por este motivo, somos obrigados a expor, em breves considerações, o que o facto dessa sessão nos desperta no pensamento, e o que nos consta por informações particulares, a que recorremos, na falta das informações officiaes.

O vice-presidente patenteou o seu sentimento pela falta dos recursos financeiros impedir — que o Conselho desenvolva todos os seus planos. Se foi este o ponto sobre que versou o discurso de S. Ex.ª, diremos, que é para lamentar que taes planos se não conheçam. Não são os recursos, o que a instrucção publica reclama do Conselho; o que pede com urgencia é um pensamento elevado, que a eguale com as necessidades da era em que vivemos, e com o progresso de todas as sciencias. Este ponto é de tanta magnitude que — o Conselho não deve negar ao paiz o serviço de publicar os trabalhos, que tenha feito e que lhe sejam relativos. É com tudo para mui profundamente sentir, que em occasião tão propria e solemne como a sessão a que nos referimos, não se appresentassem trabalhos dessa ordem, por quanto, pelo que nos consta, os secretarios das secções deram só vulto, nos seus relatorios, á parte estatistica, e os onze vogaes extraordinarios, convidados no fim da sessão pelo vice-presidente, para appresentarem as memorias, trabalhos scientificos, ou producções litterarias que tivessem escripto, responderam a este convite com o mais profundo silencio.

Houve um ponto importante, mencionado por todos os relatorios e em que todos são concordes, que mui seriamente deve chamar sobre si a attenção do Governo, e vem a ser que — a instrucção primaria está quasi unicamente escripta na lei, porque, de facto, é mui limitada a sua existencia real e proveitosa, porque os vencimentos e pagamentos dos professores transformam a sua missão em um sacrificio impossivel. Desta situação desgraçada resulta que, aos concursos, não concorrem as pessoas que podiam ser uteis ao ensino, e que o Conselho confessa que, para não vêr de todo vagas as cadeiras da instrucção primaria, as tem deixado profanar por ineptos e não merecedores das honras do magisterio, deixando de ser rigoroso para com muitos abusos, porque não sabe, como serão suppridos os logares que a sua severidade fizesse vagar.

A instrucção superior, que é a parte mais perfeita da nossa instrucção publica, foi mui succintamente considerada na sessão do Conselho de Instrucção Publica.

Não se appresentou no Conselho nenhuma idéa sobre a questão do ensino administrativo, que tanto se ventilou na imprensa e na universidade, — não se appresentou nenhum plano para a instrucção agricola, industrial e commercial, de que tanto carecemos, e que os nossos visinhos da Hispanha mui acertadamente vão estabelecendo na sua patria: e finalmente a uniformidade dos compendios da instrucção primaria e secundaria, e a confecção de muitos delles, foram pontos que se não consideraram pelo Conselho.

O Conselho mudou de local, e o seu vice-presidente annunciou que permaneceria na sua nova residencia. Assim como esta mudança, a sessão não foi, segundo as noticias que temos, senão um facto sem importancia para a organisação e progresso da nossa instrucção publica.

A reforma não está no Conselho, nem no orçamento, está nas primeiras divisões do governo. O paiz carece de um ministerio de instrucção publica; e em quanto este ministerio se não organisar, veremos consecutivamente repetir, sem proveito nem gloria, essas mudanças de edificios e essas solemnidades officiaes, de que a nação não recebe vantagem, nem esperança de melhor futuro.

Se os documentos desta sessão forem por nós pessoalmente examinados, mais largas serão as considerações que nos hão de suscitar.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

BENEFICIO DAS ESTRADAS. [*]

126 Ainda que poucas são, por ora, as obras de viação, não direi consumadas, mas ás quaes se tenha dado começo em relação ás que são precisas, apesar disso não pódem todos deixar de sentir muita satisfação ao vêr a espontaneidade com que de muita parte estão concorrendo os cidadãos, para a factura das nossas estradas. Este concurso deve produsir resultados que ainda não foram avaliados, e sobre os quaes, attenta a sua importancia, vou aqui expôr algumas conjecturas.

Em Portugal ninguem faz nem se quer uma idéa approximada das sommas que a nação despende na recovagem dos objectos, nem do onus com que essas sommas pezam sobre a circulação dos generos. Este onus é todavia de summo interesse que se discuta, para que todos comecemos a conhecer o incalculavel beneficio que hade provir do louvavel zelo com que em fim todos os cidadãos se dispõe a olhar por uma das necessidades que mais afflige este paiz, qual é a falta de vias faceis para a commoda locomoção.

Pelos ultimos mappas de 1847 e 1848 dos cereaes e legumes, percebe-se um movimento em mais e em menos, das colheitas para os consumos, o qual tem de crear uma recovagem de entrada e de saída, em todos os districtos do reino. Sobre a avaliação desta recovagem, avaliação que é vital para a questão das nossas communicações, é que eu me proponho hoje a fazer algumas considerações. Muito hypotheticas, devem ellas ser: não se póde porém negar a existencia do movimento de cereaes que fica indicado, seja elle maior ou menor do que eu o calcúlo, e que esse movimento tem de custar dinheiro, muito ou pouco.

Nesta indubitavel certesa, para entrarmos na discussão da materia, supponha-se que todos os cereaes que tem de sair e entrar em qualquer districto, percorrem uma distancia egual á raiz do quadrado da área desse districto. Sendo esta a *percorrencia* dos cereaes, teremos que as distancias a andar em cada uma dellas para os cereaes que sobram e que faltam, nesses districtos, serão as legoas que estão marcadas debaixo da respectiva epigraphe na columna segunda do mappa n.º 1. A naturesa das sciencias economicas pela sua variabilidade não permitte que se exija dellas o mesmo rigor que se póde pedir de qualquer entidade inorganica ou abstracta, que não participa da mobilidade da vida. Nesta intelligencia, admittida que a recovagem deste paiz é feita sobre cavalgaduras, como de facto assim acontece na sua quasi totalidade, e que estas fazem uma jornada de 5 legoas por dia, ao preço de 500 réis diarios, será a importancia do custo, para um dos movimentos dos cereaes no mappa n.º 1, formado sobre o mappa do *Diario do Governo*, tanto como, 1:500 contos. Esta quantia é só pelo que respeita a cereaes e legumes, que tem de se remover de uns districtos para os outros, mas além desta remoção, ainda esses mesmos cereaes e legumes, tem um movimento que é o concelho, o qual não se podendo reputar em menos de 200 réis o costal, virá a montar a mais outros 1:500 contos, além dos primeiros. Avaliada a recovagem dos cereaes, visto que a nossa agricultura se não limita sómente a cereaes, mas comprehende tambem outros productos, e entre elles, o vinho, azeite, lãs, etc., admitta-se pelo vinho, que o seu movimento custa 500 réis por pipa, para transporte desde a adega até á porta do consumidor ou ao caes para embarcar, ahi ficam mais, incluindo agoas-ardentes e vinagre, outros 500 contos ou bem perto delles. Por este pequeno numero de generos, já se vê o quanto é de vasto o assumpto, e que se se pertendesse entrar em todos os detalhes delle, estes se não poderiam comprehender neste succinto artigo. Prescindindo pois de mais extensão, ahi estão provavelmente perto de 4:000 contos para locomoção de só, cereaes, legumes, farinaceos, e vinhos.

A somma que aqui se dá para uma despesa, qual é das conducções, de cujo custo em excesso ninguem se queixa, porque é indirecta, e que se assim é acrescida a ninguem com pertinencia se póde imputar a culpa directa, porque todos temos concorrido para a falta que padecemos de estradas, não é ainda a somma total do custo da locomoção. A despesa total da locomoção se devemos comprehender todas as circumstancias que appresenta entre nós a questão das estradas, e todos os nossos toscos meios de conducção, não importará em menos de 8:000 contos annuaes.

Bem sei que é prodigiosa esta quantia, mas tam-

[*] Os mappas, a que este artigo se refere, serão publicados no numero seguinte.

bem sei que se avalia, por exemplo, em 10 por cento, ou 96:000 contos a locomoção dos generos em França, que certamente tem umas poucas de vezes mais commodidades para as suas conducções do que nós, que não temos quasi nenhumas.

Nenhum dos nossos curiosos em estatistica, tem, que me conste, chegado ainda a computar, a nossa recovagem, salvo uma vez, eu mesmo, na *Revista Universal Lisbonense* n.º 6, 7, 8, de 1845. Esta reminiscencia não é aqui trasida porém, para alardear primasias sobre ninguem. O fim para que eu fiz então aquella computação, e agora faço esta de novo, é mais condigna e toca inteiramente nos interesses do publico. Serve para nos mostrar, que se nós sem estradas, gastamos provavelmente 8:000 contos, os benemeritos cidadãos que com tanto ardor se estão prestando para a factura dellas, não só mostram nessa sua dedicação, todo o seu patriotismo, mas estão auxiliando a nação para ella grangear de futuro um ganho annual de talvez 4:000 contos, porque com boas estradas as conducções devem baixar de metade pelo menos do que custam actualmente.

Todos os problemas em economia politica, são compostos. A diminuição em mais da metade dos gastos que actualmente se fazem com as conducções, não é o unico proveito, que dahi nos hade vir. A troca da recovagem, pela carretagem, quando as estradas o permittirem, para o transporte dos generos da nossa agricultura, será uma acquisição de ainda muito mais transcendencia. Os mappas estatisticos que o Governo tem publicado sobre cereaes, patenteam alguns dados numericos, que muito deviam esclarecer os nossos lavradores, se as continuas queixas que elles fazem do contrabando, as quaes elles deviam voltar, mas era para a falta de estradas. Em 1847, foi o consumo dos cereaes 1:055:789 moios, e a producção 990:235, falta 65:554 moios, em 1848 foi o consumo 1:054:405 e a producção 1:081:662, sobra 26:757 moios.

Eu não direi que se póde ter uma confiança cega nos algarismos que a nossa estatistica, nos seus primeiros ensaios ainda, está no caso de nos offerecer, mas faltando 65,554 moios para o consumo em 1847, e não faltando mas sobrando 26,757 moios, para esse mesmo consumo em 1848, porque é que deveriam bradar com tanta vehemencia os lavradores contra o contrabando em 1847, e se ouvirem muito menos clamores contra esse mesmo contrabando em 1848? A rasão não póde ser outra, a não ser que os generos não podem circular. O districto de Evora de 1846 para 1847 tinha augmentado as suas colheitas em 29,481, moios e em 1847 para 1848 só em 4,314 moios. O augmento em Evora, e o augmento de todos os outros districtos qualquer que elle fosse, em 1847, tornava-se necessario para o resto do reino porque a colheita geral tinha sido 990,235 moios, e o consumo 1.055,789 vindo a faltar 65,554 moios, entretanto como o districto de Evora não tinha facil saida por falta de via, ao excesso da sua colheita em 1847, ficou ella pesando alli sobre a colheita de 1846, como 89 por 100, e dahi como consequencia soffrendo o mesmo districto a correspondente baixa no preço do seu genero, a qual os eborenses desde logo traduzirão em contrabando, quando a deviam attribuir á dificuldade dos transportes.

É tão sensivel para o commercio a falta de estradas em todo reino, que até dentro da mesma provincia, de districto para districto, se sente essa falta. É reparar, mappa n.º II. para os termos medios dos districtos em relação ao termo medio da provincia respectiva, que logo ahi se acha que se ao menos um districto tivesse o refrigerio de passar aos outros districtos que lhe são contiguos, as suas sobras, e que nelles são precisas, já estas que tanto deprimem os preços, onde estanceam, vinham a minorar muito do seu pungente effeito contra o lavrador. Para não cançar a attencão, poucos exemplos bastarão para tornar evidente esta minha asserção. O acrescimo em trigo em 1847 em Castello Branco foi como 44 em 100, vai-se porem ver o acrescimo de toda a provincia, e não se acha que fosse de mais de 8 ou de menos do 5.º daquelle seu districto. O mesmo succede em Santarem, porque sendo a sua differença de 30, a da Estremadura é de 7 sómente. Muitos são os casos identicos, mas para ver com que fundamento se póde atribuir ao contrabando a falta de saida dos cereaes e não á difficuldade dos transportes é que em quanto em todo o reino, a differença da colheita em 1847, nos 17 districtos não dá senão 4 em 100 de augmento; o Alemtejo dá 52, havendo Evora que dá 89, ou mais de 22 vezes mais do que o termo medio geral.

Não posso, estando já a concluir, resistir á exposição de um facto que nos deve fazer lamentar para sempre quaesquer dissensões civis. Pelo mappa n.º II vê-se que a provincia do Minho no anno de 1846-1847 em que esteve debaixo das armas, cultivou menos 57,741 moios de cereaes, e que no anno de 1847-1848, em que já teve a paz por sua, cultivou mais 32,723 moios, o que faz uma differença de 90,464 moios ou mais de 1:600 contos, que esta provincia perdeu com a calamidade da guerra, afóra outros 1:600 contos na carestia dos preços dos cereaes, que havia de consumir nessa mesma épocha.

C. A. DA COSTA.

SEDA.

É tão importante a materia desta carta, que é dever nosso juntar as nossas instancias ás do Sr. Sales, para que o negocio a que ella se refere tenha a prompta solução de que muito se carece para bem do paiz e da industria nacional.

(Carta.)

Sr. Redactor.

127 Não póde ninguem contrariar as grandes vantagens, que ao paiz se tem seguido da sabia providencia dada pelas Côrtes em 1820, para desenvolvimento da agricultura, que deu em resultado termos tido desde logo os cereaes necessarios para consumo, e ultimamente até para exportação, como temos visto em trigo, milho, e batata, attrahindo-nos assim o metal de que tão exhaustos nos achamos, além das demais uteis circumstancias de augmento de riqueza nacional, pela abundancia de gados, e emprego a tantos braços.

À vista pois de resultados tão positivos, devidos á adequada medida do Corpo Legislativo, este tambem recommendou ao Governo toda a protecção ao desenvolvimento da seda, por ser um ramo, que com toda a facilidade póde ministrar ao paiz vantagens eguaes ás que ficam referidas, como bem se deprehende da approvação, que em Côrtes teve o parecer da Commissão de Commercio, Artes e Manufacturas, sobre a representação dos fabricantes de seda, assignado em 24 de Março de 1835, em que diz: — « A Commissão não póde deixar de reconhecer, que sendo o solo e clima de Portugal eminentemente favoraveis á producção da seda, deve toda a industria, que tiver por objecto o fabrico e commercio das sedas, merecer da parte do Governo toda a protecção que fôr compativel com os solidos principios, porque se deve reger uma bem entendida e illustrada administração. »

Pelas solidas razões, que ficam enunciadas, e demais a mais recommendadas pelos representantes da nação, era bem de esperar, que o Governo tomasse este negocio debaixo de suas vistas e protecção, e que no anno de 1850, em que nos achamos, não só estivessemos sobejamente habilitados a supprir os fabricantes nacionaes, que annualmente compram ao estrangeiro sedas em pellos e tramas no valor de 300:000$000 réis (como se reconhece pelas entradas na Alfandega), mas que já exportassemos para o mercado inglez quantidade de seda, que triplicasse, ou quadruplicasse a indicada parcella, por cujo meio teriamos o paiz enriquecido annualmente, com um valor metalico, para mais de 900:000$000 réis tão sómente pela exportação.

A sorte de nossos fabricantes teria melhorado consideravelmente pela producção no paiz da materia prima, e quando tivessem de passar pelo lance de pagarem a seda por tão subido preço, como actualmente o indica a folha dos preços correntes a 7$400 réis o arratel de pello de primeira sorte (sabendo-se que os possuidores de seda contam vendel-a a 8$000 réis o arratel), neste caso melhor seria que esse tão importante valor passasse das mãos do nacional para o nacional, pelo seu producto, e a que se houvesse de exportar traria enorme somma de metal ao paiz. O grande numero de braços, que o desenvolvimento deste ramo emprega, e com especialidade do sexo femenino, e de muitas creanças, são circumstancias, que só de per si se recommendam, para chamar a séria attenção de qualquer Governo ao desenvolvimento deste ramo por tantas circumstancias utilissimo ao paiz.

Não sendo pois possivel, que a falta de attenção e protecção, que por parte do Governo se tem patenteado ha annos para com este ramo, provenha meramente de negligencia, ou por não conhecer a sua importancia, não deixam muitos de suppôr que existe alguma incognita circumstancia, que em tal caso a boa fé obriga a que se dê um desengano aos que, como eu, nos démos ao desenvolvimento deste importante ramo de riqueza nacional; porque por minha parte a elle me dediquei pelo exacto conhecimento de sua conveniencia as precisões do paiz, por suppôr que as recommendações do Corpo Legislativo ao Governo valiam muito, e não menos confiei que um contracto feito, para se levar a effeito o meu plano, pelos meios que me propoz o Governo em nome de Sua Magestade, era por tantas razões uma segurissima garantia; firme em meu projecto de nada mais avançar por ora no descortinamento desta pendencia, sem que ella appareça terminada, e tendo sobejamente comprovado os graves prejuizos, que como emprehendedor se me tem causado, bem como os que affectam ao paiz, e não sendo possivel prolongar os meus até indeterminada épocha, por isso me dirijo a V., como entendido apreciador dos beneficios que o paiz póde tirar da seda, para que por meio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE auxilie a minha justa exigencia para com o Governo, na prompta terminação desta pendencia, que constantemente solicito.

Lisboa, 9 de Novembro de 1850.

De V. etc.

ANTONIO PEDRO DE SALES.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

A LITTERATURA.

X.

(Continuado de pag. 105.)

127 « A rapsodia que deixamos estampada « no final do trecho antecedente, parece ser « muito inferior ao talento de S. Agostinho, mas « em todo o caso não é muito posterior ao seu « tempo. »

Vamos confirmar esta doutrina com algumas citações do eloquente M. Villemain.

« Constatons d'abord un premier fait, c'est « que la langue latine était par sa nature, par « ses formes savantes et complexes, promptement exposée à subir de graves altérations. « Une langue synthétique, comme l'appelle M. « Schlegel, une langue qui ne procède point par « des moyens simples, analogues aux besoins rigoureux des idées, mais qui, dans sa construction habilement systématique, offre des « cas nombreux, des désinences variées, des « verbes multiples dans leurs temps et dans leurs « modes, des inversions prolongées, une syntaxe « artistiquement combinée, une langue ainsi faite, « à son plus beau période, est susceptible d'une « grande perfection oratoire et poétique. Mais « sitôt que la barbarie et l'ignorance viennent « la heurter, ce magnifique édifice doit rapidement se dégrader et se détruire. Pour changer ma comparaison, c'est un instrument musical, délicat, compliqué, que ne pouvait être « touché que par un artiste, et qui se dérange « ou se brise sous des mains grossières et maladroites. »

« Que la langue latine, comme la langue grec-
« que, ait été difficile pour ceux même qui la
« parlaient de naissance; nul doute á cet égard. »
— E aqui adduz M. Villemain, como prova, o grande numero de tractados que havia sobre as declinações dos nomes e conjugações dos verbos, alguns sobre a analogia das palavras, sobre as locuções duvidosas — o longo e escrupuloso estudo que se consagrava á grammatica — diversidade de opiniões sobre a orthographia, e conclue: —
« Ainsi, la langue latine était, en quelque sor-
« te, de son vivant, exposée à mille altérations,
« qui tenaient à la perfection même de sa con-
« texture primitive. »

Mas, nas linguas ha uma certa tendencia progressiva para a clareza, para a ordem e para o methodo, a que Schlegel chama o caracter *analytico*, em contraposição ao *synthetico*, isto é, ás fórmas sabias da grammatica. Ora, no meio mesmo da sabia perfeição da lingua synthetica dos latinos, começaram já a apparecer umas certas disposições para dar á linguagem maior precisão, maior clareza. « Je vais en donner une
« preuve, — continúa M. Villemain, — assez cu-
« rieuse, empruntée de Suétone. Il s'agit toujours
« d'Auguste, dont vous voyez que nous faisons
« aujourd'hui un maître de langue. Voici ce que
« rapporte Suétone de sa manière d'écrire:

« *Præcipuam curam duxit, sensum animi quàm apertissime exprimere: quod quò facilius efficeret, aut nec ubi lectorem vel auditorem obturbaret ac moraretur, neque præpositione verbis addere, neque conjunctiones sæpius iterare dubitavit, quæ detractæ afferunt aliquid obscuritatis, et si gratiam augent.* »

Ora se na lingua oratoria dos latinos se reconheceu uma certa obscuridade, e se intendeu ser necessario affastar essa elegancia habitual das fórmas grammaticaes, e chegar pouco a pouco á precisão e clareza das construcções modernas; por força de maior razão devia ser a linguagem vulgar menos correcta, menos elliptica, menos complicada do que a lingua sabia, e até do que a fallada entre as pessoas polidas da cidade de Roma, devendo porém notar-se que essas variações populares não formavam uma lingua separada, completa, estranha.

Como se estendeu porém tanto a lingua latina, como se fez a sua *emancipação européa?* « Ce
« fait sort de toutes parts. La politique du sé-
« nat et de l'empire, qui respectait la religion
« des peuples, voulait cependant les assimiler aux
« romains par la langue et les mœurs. » — Todas as classes dos vencidos aprendiam do mesmo modo o latim, ou haveria differença no modo porque o povo abraçava o idioma dos conquistadores? — « Je crois . . . que toute la classe no-
« ble, parmi les peuples vaincus, apprit correcte-
« ment la langue latine, et oublia presque la
« sienne. Le grand nombre d'écrivains nés en
« Espagne et en Gaule, pendant les 2.e, 3.e,
« 4.e et 5.e siècles, en sont une preuve. Mais
« vous concevez *qu'il n'en était pas de même du*
« *peuple. Il apprenait le latin, comme il pou-*
« *vait;* il était bien obligé de le savoir, puisque
« les ordres du maître étaient toujours promul-
« gués dans cette langue. Cependant, *il gardait*
« *quelque souvenir de la sienne; ou, quand il*
« *parlait la langue latine, il l'altérait à sa ma-*
« *nière.* » — Cita depois uma prova desta alteração, deduzida de um conto de Apuleio. Um soldado romano encontra um quinteiro, que conduzia um burro sem carga, e lhe pergunta: *Quorsùm ducis vacuum aselum?* O quinteiro não entende; o soldado, irando-se, pergunta de outro modo: *Ubi ducis asinum illum?* E então é entendido. No primeiro caso o legionario fallou segundo as regras grammaticaes, e não foi comprehendido; no segundo, commetteu um sollecismo, empregando *ubi* que denota logar sem movimento, em logar de *quò* que indica logar com movimento, e já o entenderam. Faz isto vêr que essas distincções de significação, e outras subtilezas de grammatica excediam a capacidade dos vencidos, que aliás careciam de uma linguagem breve, rapida, clara e simples. Vê-se pois que a lingua se simplificava para ser aprendida, que para se simplificar, se corrompia, e que por esta decadencia progressiva ía tendendo para a fórma das linguas modernas.

Se a conquista, se a politica dos romanos, tinham sido parte para que se generalisasse a lingua latina, é todavia certo que outro mais poderoso elemento concorreu para este resultado, ao mesmo tempo que para a alterar e corromper. Qual elemento foi esse? Ouçamos M. Villemain: « Une autre puissance que la conquête
« militaire vint aider à la prodigieuse extension
« de la langue latine, et concourut à la modi-
« fier; car ces deux choses marchèrent ensemble.
« Plus le latin se répandit, plus il s'altéra. L'in-
« fluence dont je parle, ce fut celle de la pré-

« dication et les liturgies chrétiennes. Jamais « les délégués et les instruments de la puissance « romaine n'avaient pu être aussi nombreux, « aussi actifs, que l'étaient ces apôtres de croyance « et ces maîtres de conscience, jetés par la foi « nouvelle sur tous les points du monde. Les « édits d'un préteur, les harangues d'un géné- « ral, tout cela n'était rien en comparaison de « cet apostolat perpétuel et multiple. Ainsi, « avec le christianisme, la langue latine, qui, « dans l'Occident, était seule la langue des pré- « dicateurs, dut rapidement s'affermir et s'é- « tendre, devenir plus familière aux peuples dejá « soumis, et pénétrer chez ceux mêmes qui ne « l'étaient pas. Faudra-t-il rappeler que, dans « l'ardeur de leur foi, ces prédicateurs devaient « peu s'inquiéter de l'exactitude grammaticale. »

Terminaremos citando uma opinião de muito peso, qual é a do profundo filologo *Bonamy* (Mém. de Littérat. tirés des Registres de l'Académie Royale des Inscriptions et Belles-Lettres, tomo XXIV pag. 594 e seg.)

« Mais il ne faut pas croire que le commun « du peuple, et ceux qui n'avaient pas étudié « la langue latine, la parlassent purement, il « n'était pas possible que les gaulois n'y eussent « mêlé quantité de mots de leur ancienne lan- « gue, et qu'ils n'eussent altéré le génie de la « romaine, telle que nous la voyons dans les « auteurs de la bonne latinité, en négligeant les « régles de la grammaire pour ce qui est du « régime des verbes et des prépositions, et la « manière de décliner les noms et de conjuguer « des verbes, enfin, en ajoutant aux mots, ou « en retranchant des syllabes. »

Appresenta Bonamy uma idéa que muito aclara esta doutrina. É obvio que a introducção da imprensa concorreu poderosamente para a fixação da pureza das linguas modernas, por isso que a leitura de discursos escriptos, favorecida pela prodigiosa propagação da imprensa, acostumou os povos á uniformidade da linguagem, á correcção grammatical, e á elegancia da phrase. A lingua latina partia, pela maior parte, de Roma para as provincias por meio da communicação oral, e muito se enganaria quem avaliasse os seus progressos pelo que succede hoje em cada uma das nações cultas da Europa, nas quaes, além da communicação oral, está estabelecida a corrente electrica da imprensa periodica, e andam nas mãos de todos um sem numero de livros, onde se aprende a lingua uniformemente, e sem o perigo das alterações, que tão frequentes são quando só se falla.

É neste sentido que Bonamy diz: « Le peuple « des provinces romaines n'avait pas ce secours, « et si la langue latine s'étoit polie, ce n'étoit « que pour les habitans de Rome, ou pour ceux « qui l'avoient étudiée. Le vieux langage étoit « resté dans les provinces, qui ne connoissoient « pas cette urbanité qu'il étoit plus aisé de sen- « tir que de définir. . . . C'est du langage vul- « gaire des provinces, (*lingua rustica*, *vulgaris*, « *militaris*, *provincialis*, *usualis*, *sermo quo-* « *tidianus*, *pedestris*, *rusticus*) que se sont for- « mées les langues française, espagnole et ita- « lienne, et non pas du latin que nous lisons dans « les ouvrages des bons auteurs. Ainsi, quicon- « que voudra chercher l'origine des mots de la « langue de ces peuples, doit la chercher dans « la loi des Douzes Tables, dans Ennius, dans « les anciens comiques, dans Varron, Végèce, « Columelle, et en général dans tous les auteurs « qui n'ayant pas cherché à faire des phrases, « n'ont employé que le style le plus simple, et « que les mots qui étoient entendus de tout le « monde. »

Merecem ser lidos sobre este assumpto, e particularmente sobre o modo por que se operou a transformação do latim nas linguas meridionaes modernas, a « Mémoire sur l'introduction de la langue latine dans les Gaules, sous la domination des romains » — e « Réflexions sur la langue latine vulgaire » — do citado M. Bonamy, que se encontram a pag. 582 a 603 do vol. 24 das Mem. da Academia das Inscripções.

Parece-nos pois que ficam provadas as proposições que indicámos no principio deste artigo.

No artigo immediato concluiremos o que ha a dizer sobre a filiação da nossa lingua.

XI.

(E pluribus unum.)

Neste artigo concluiremos o que ha a dizer sobre a filiação da nossa lingua, appresentando destacadamente differentes factos, principios e esclarecimentos, que encontramos nas obras que temos citado, e que não poderam ter cabimento nos artigos antecedentes.

Duas particularidades notaveis a respeito da ingua portugueza. 1.ª É a mais aproximada do latim do que qualquer outra; 2.ª Formou-se

mais cedo do que nenhuma das linguas meridionaes. Como se explica isto? O auctor da « Refutação » julga plausivel a seguinte rasão apontada por Sismondi: *que provavelmente nas provincias occidentaes ficaram os subditos romanos em maior numero depois da conquista dos barbaros;* porque os barbaros procuraram antes o centro da Hispanha, onde esperavam achar mais riquezas, do que nas costas occidentaes: o que é confirmado por Jornandes (de rebus geticis) quando diz a respeito de Attaulfus: *Per suas opes Barcilonam cum certis fidelibus delectis plebeque imbelli interiores Hispanias introivit.*

Denina appresenta outra explicação: « Le fond de la langue portugaise est autant ou plus latin encore, que celui des autres langues méridionales et même de l'italienne; parce que les peuples du Nord n'ont pas porté dans la Lusitanie autant de leurs mots, qu'ils en ont introduits en France et en Italie, ni les Maures n'y ont pas porté autant de mots arabes, qu'ils en ont laissé en Espagne. Il y reste fort peu de mots de l'ancienne langue, qui devoit être la Celtique ou Celtibérienne. On est étonné de voir la langue vulgaire des romains répandue, établie à une si grande distance, de Rome et du Latium. Il faut supposer que du temps de Viriatus, de Pompée et des premiers empereurs romains, de nombreuses colonies sont allées s'établir dans ce dernier coin de l'Europe, ou que des troupes non moins nombreuses de Lusitains, après avoir été à Rome, ou avoir servi dans les armées romaines, sont retournées dans leur pays, et y ont apporté le langage vulgaire qu'ils y avoient appris. » (La Clef des Langues, part. 4, sect. 1, art. 4.)

Seja porém qual fôr a explicação daquellas duas notaveis particularidades, é certo que são geralmente admittidas como um facto incontestavel.

Tem havido quem estabeleça como intermédia entre a lingua latina e a portugueza a romana ou provençal; isto é, que a lingua portugueza não vem directamente da latina, mas sim da provençal, que se formou da latina.

O auctor da « Refutação » combateu esta opinião triunfantemente, concedendo todavia que o provençal, romance, ou limosino, teve grande influencia na nossa lingua, depois que os condes de Provença succederam no condado da Catalunha, e ultimamente no reino de Aragão.

Vejamos o que diz o eloquente M. Villemain (Littérat. du moyen âge) relativamente a todas as linguas derivadas do latim, por occasião de impugnar a theoria de M. Raynouard:

« Vous supposez cette universalité primitive de la langue romane, comme intermédiaire entre le latin et les trois ou quatre langues qui se partagent aujourd'hui l'Europe latine. Les monumens contemporains manquent. Que nous reste-t-il pour discuter? Il nous reste l'état actuel de ces langues. Si une de ces langues est encore maintenant plus près de la langue latine que ne l'est cette langue *romane*, j'en conclus qu'elle n'a point passé par elle; car les langues ne remontent pas; quand elles ont commencé à s'altérer, elles continuent. Un exemple suffira. . . Du mot latin *tenére*, le roman provençal faisait *tenia* à l'imparfait; l'italien dit *teneva*. N'est-il pas vraisemblable que *teneva* est directement venue de *tenebat*, sans travesser *tenia?* »

Na « Refutação » cita-se no mesmo sentido, mas com referencia á lingua portugueza, o exemplo de que *amava* e *arvore* são mais chegados ao latim do que *aimait* e *aubre* do provençal; e de haver este despresado as fórmas sonoras dos termos romanos, fazendo de *aurum*, *or*, — de *collum*, *col*, — de *versus*, *vers*, — de *ferrum*, *fer* etc.

« Si vous prenez, continúa M. Villemain, beaucoup d'autres mots, vous trouverez que, dans les langues espagnole et italienne, ils n'ont subi qu'un léger changement, *parce de torta*, et se sont conservés plus près du latin que dans la langue *romane;* ce qui prouve qu'elle ne leur a pas servi de communication et de passage. »

E com effeito, fôra impossivel que n'essa lida de alteração e corrupção da formosa lingua latina, trabalhassem todos os povos do meio-dia da Europa, segundo um plano uniforme! Que houvesse concordancia no fim a que se propunham esses operarios de deconstrucção, ninguem o póde negar, porque todos atiravam ao alvo da simplicidade e da clareza; mas, que houvesse uniformidade nos accidentes das multimodas variações das linguagens que cada povo ía adoptando. . . eis o que parece inverosimil, se não absurdo.

D'outra sorte viria a ser a lingua provençal a lingua commum da Europa — *o que de certo nunca foi*, como o observa o Sr. Garret na Carta escripta aos dois Socios do Conservatorio, que já citámos: « Ellis, o famoso litterato e collector de romances e balladas inglezas, define a

lingua romance ou *roman*; — « todos os dialetos das provincias européas do imperio, cuja base era o latim vulgar, quaesquer que fossem os outros ingredientes que na mesma composição entrassem. » (Leurs, Essay on the origin of the romance lenguage, 1835). Esta é tambem a opinião de Schlegel contraria á de Raynouard que quería fazer o provençal a lingua commum da Europa. O que de certo nunca foi. »

Juiso critico sobre a opinião dos que sustentam a origem celtica da nossa lingua. « Admittindo o principio, aliás falso, diz o Sr. A. Herculano (Introd. á Hist. de Port.), de que as filiações das linguagens humanas se devem exclusivamente buscar nas similhanças de sintaxe, e concedido que na realidade se dão grandes differenças de indole entre o portuguez e o latim, a consequencia legitima disso fôra unicamente que deste não proviera aquelle. Para provar, porém, a sua origem celtica, era necessaria mais alguma coisa: devia-se expôr a indole da antiga linguagem dos celtas de Hispanha, e achar as analogias intimas entre essa linguagem e a nossa, e o contraste de ambas com o latim. Eis o que se não fez, e o que é impossivel fazer-se. A hypothese de que o portuguez procede do celtico tem a ruina na base. Essa lingua primitiva passou sem deixar monumentos: o que hoje subsiste é um certo numero de dialectos, que se crêem celticos, mas cuja similhança relativa com o idioma de que procedêram, ninguem ousaria determinar, tanto mais que entre elles se dão gravissimas differenças. É o ersa, o gaélico, o armorico ou o welsh o representante mais proximo do antigo celtico? Era esta uma lingua commum a todos os povos da mesma raça, ao menos dos que estanceavam pela Peninsula? Sobre taes questões apenas se poderão fazer conjecturas mais ou menos arriscadas, e que todavia fôra preciso resolver com clareza antes de converter a hypothese em these. Isso porém, repetimol-o, é impossivel, posto que uma passagem de Strabão (Utuntur et reliqui hispani grammatica, non unius omnes generis: quippe nec eodem quidem sermone), passagem de que aliás os defensores das origens celticas crêram tirar vantagem, decidiria negativamente a segunda, se porventura se admittisse que o geographo grego alludia nesse logar a variedades da lingua celtica. Em tal caso importaria determinar de um modo positivo qual dessas linguas diversas, de que se crê que elle falla transfundiu para a da nossa lingua. »

Alatinar as palavras da lingua portugueza. O Sr. S. Luiz disse na sua « Memoria » que os nossos escriptores se deixaram por ventura levar de uma especie de admiração e respeito supersticioso para com os romanos, e talvez assentaram, que era glorioso á lingua portugueza tirar a sua origem de um povo, que subjugára tantos outros, e que em toda a parte fizéra temidas as suas armas, e obedecidas as suas leis. Cita as palavras *pae* e *mãe*, dizendo que os nossos escriptores quizeram em vão tirá-las da sua nativa simplicidade, para lhes dar a fórma latina *padre* e *madre;* mas que a despeito da innovação systematica, voltaram ao estado, provavelmente primitivo, deixando as fórmas latinas á linguagem ecclesiastica, aonde ainda se conservam.

« Bem longe de se *alatinarem* as palavras, responde o auctor da « Refutação, por innovação systematica, para as aproximar do latim, pelo contrario, é disso precisamente que os nossos fugiam. A prova acha-se no cap. 99 do Leal Conselheiro, em que o Sr. D. Duarte entre os preceitos da traducção nos dá o seguinte: Ossegundo que non ponha palauras latinadas, nẽ doutra lynguagem, mas todo seja nosso lynguagẽ scripto mais achegadamente ao geeral boo costume de nosso falar que se poder fazer. — Quem isto aconselha, nem elle nem os seguintes auctores escreveriam constantemente *padre* e *madre* se este não fosse o fallar mais achegado ao bom e geral costume, e esta fórma não fosse a primitiva. Que ella o é, não precisa de prova; porque todo o mundo sabe que as nossas palavras procedem regularmente do ablativo latino, e algumas do nominativo, em menor numero. As linguas modernas tem-se aperfeiçoado á medida que tem perdido as fórmas latinas, e a este aperfeiçoamento é que devemos as palavras *pae* e *mãe*, e muitas outras mais suaves ou mais harmoniosas do que as primitivas: assim *oito*, *noite*, *reino*, são mais doces do que *octo*, *nocte*, *regno*, etc. » (Nota 52, pag. 75.)

Os cinco mappas polyglottos de M. Balbi. — Ao auctor da « Refutação » não escapou appresentar como argumento da origem latina da nossa lingua, o processo genealogico que a respeito de quasi 700 linguas e dialectos empregou M. Balbi no seu « Atlas Ethnographique. » — O argumento consiste na seguinte idéa: — tomando-se 26 pa-

lavras verdadeiramente essenciaes, que exprimam as idéas mais simples, e sem as quaes seja impossivel ao homem viver no estado social, e confrontando-as com as suas correspondentes de outras linguas, obter-se-ha o conhecimento das relações mais ou menos intimas entre as diversas linguas. — Quaes palavras escolheu M. Balbi? As seguintes: *Sol*, *Lua*, *Dia*, *Terra*, *Agua*, *Fogo*, *Pae*, *Mãe*, *olho*, *cabeça*, *nariz*, *bocca*, *lingua*, *dente*, *mão*, *pé*, *um*, *dois*, *tres*, *quatro*, *cinco*, *seis*, *sete*, *oito*, *nove*, *dez*. — Quaes palavras correspondem a estas no latim? As seguintes: *Sol*, *Luna*, *Dies*, *Terra*, *Aqua*, *Focus* (ignis), *Pater*, *Mater*, *oculus*, *caput*, *nasus*, *bucca* (os), *lingua*, *dens*, *manus*, *pes*, *unus*, *duo*, *tres*, *quatuor*, *qninque*, *sex*, *septem*, *octo*, *novem*, *decem*. — Quem não vê as mesmas palavras nas duas linguas? Quem não vê a derivação facillima que ao primeiro intuito se conhece entre vocabulos dos dois idiomas, vocabulos que designam os objectos mais interessantes ao homem, e indispensaveis ao tracto social?

Confrontemos agora os 26 vocabulos portuguezes com os correspondentes do gaélico, e do welsh, representantes do antigo celtico:

Portuguez. .	*Sol*.	*Lua*.	*Dia*.	*Terra*.	*Agua*.	*Fogo*.	*Pae*.
Gaélico. . . .	Grian.	Gealach.	La; Latha.	Ter, fonn, talamah.	Uisge, a, abh.	Teine.	Athair,
Welsh.	Haul, tes.	Lleuad.	Dydd.	Tir, daiar.	Dwr, aweddo.	Tan.	Tadwys, tad.

Mas para não cançarmos os leitores não continuaremos na confrontação, e os remettemos para o *Tableau Polyglotte des Langues Européennes* do Atlas Ethnographique de M. Balbi; ahi verão que a dessimilhança entre o portuguez e o celtico prosegue tão pronunciada nas demais palavras, como nas que deixâmos mencionadas.

As 26 palavras escolhidas por M. Balbi são mais do que sufficientes para fazer conhecer a familia a que uma lingua pertence; mas deve notar-se que este expediente só foi empregado para servir de regra nas linguas, a respeito das quaes não ha outros documentos, pois que nada adianta em quanto á classificação systematica dos dialectos de cada lingua, nem em quanto á demarcação que sepára duas linguas muito similhantes, como por exemplo a castelhana e a portugueza. Vê-se pois que esta regra, se não é applicavel ás hypotheses que acabâmos de apontar, é todavia muito concludente para estabelecer entre o latim e o portuguez esses laços de familia, que se pretendem demonstrar; ao passo que assignála a pronunciada diversidade que se dá entre a nossa lingua e a celtica. — Note-se egualmente que, se M. Balbi tratasse de confrontar sómente o latim com as linguas derivadas dessa origem, poderia fazer uma vastissima escolha de palavras; mas o seu intento foi comparar 700 linguas e dialectos, e por isso escolheu 26 palavras, e designadamente as que preferiu, por isso que são aquellas que effectivamente os viajantes recolheram no maior numero de linguas, incluindo as dos selvagens. Demorámo-nos neste ponto um pouco mais do que o auctor da «Refutação», porque se tracta de um assumpto que precisa de ser bem esclarecido.

Idioma dos nossos documentos e monumentos. Não é debaixo do ponto de vista da Paleologia e Diplomatica, que appresentâmos as seguintes breves indicações dos nossos documentos e monumentos, mas sim como argumento linguistico, o qual terá tanto maior força na hypothese de que tratâmos, quanto esses esclarecimentos são fornecidos por um auctor que impugna a origem latina da nossa lingua, e admitte a conservação da lingua original das Hispanhas atravez da dominação romana, e ainda dos godos, suevos e arabes. — O Sr. João Pedro Ribeiro, na Dissertação 5.ª, que já citámos em um dos artigos antecedentes, considerando os nossos documentos com relação ao idioma, assigna duas epochas: — 1.ª *Até o estabelecimento da Monarchia*; — 2.ª *Desde aquelles tempos, e principios do seculo XII até o presente*. — A primeira épocha é por elle dividida em 4 periodos: — 1.º *Até o estabelecimento pacifico dos romanos na Hispanha no I seculo christão*; — 2.º *Até á invasão dos barbaros no V seculo*; — 3.º *desde o V até o VIII seculo, em que entraram os arabes*; — 4.º *no tempo do captiveiro dos mouros, e reinados dos reis de Leão e Galliza, até o estabelecimento do nosso reino*. A 2.ª epocha é tambem dividida em 4 periodos, sendo o 1.º *desde o Sr. Conde D.*

Henrique até o Sr. D. Affonso III, o 2.º *desde o Sr. D. Diniz até o fim do reinado do Sr. D. Affonso V*; o 3.º *desde o Sr. D. João II até o Sr. D. João III*; o 4.º *desde o Sr. D. Sebastião até o presente.*

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

(Continúa.)

Tivemos a satisfação de lêr a poesia que se segue, bella composição de uma illustre senhora, que assignando-a, revelou o distincto nome de *Soror Dolores*, que tão inspiradas e formosas canções tem rubricado. Honramos com esta composição as columnas do nosso jornal, tendo o gosto de que é sua auctora a Ex.ª Sr.ª D. Maria Felicidade de Couto Brown.

Á memoria saudosa da Illm.ª e Exm.ª Sr.ª D. Rita de Mello da Cunha Sotio-Maior.

Ai, que és tu, existencia?! Um pesadelo,
Um sonho mau, de que se accorda em trevas
Na valla dos cadaveres.....
.....

HERCULANO.

129 O suspiro que exhalou
Tua alma, quando deixou
O esposo, que tanto amaste,
Foi o extremo adeus cruel,
Ultima gota de fel,
Que desta vida esgotaste.

Depois, abraçada á Cruz,
Voaste á patria da luz,
Receber do Creador
O galardão, que alcançaste
Cá na terra, em que buscaste
Dar allivio a tanta dor.

Agora que, anjo no Ceu,
Já para ti não tem véo
Do justo a gloria immortal,
Já conheces que illusorio
É o 'splendor transitorio,
E todo o poder mortal!

Oh! como foste sublime
Na hora tremenda ao crime!
Pelo esmorecido consorte
Ao teu Deus pedias só.
Esquecida que, em breve, pó
Serias no chão da morte!

Descança em paz, doce amiga,
Deste viver que é uma lida,
Lá nessa gloria sem fim:
Que eu jámais posso olvidar,
Que horas antes de expirar,
Te recordaste de mim!

Da lyra á dôr consagrada,
Da amisade immaculada
Recebe o sentido canto;
Flôr d'alma, de naturesa
A vegetar na tristesa,
Regada d'amargo pranto.

BELLAS-ARTES.

Novo quadro do Sr. João Baptista Ribeiro.

Pedimos vénia hoje ao nosso collega do *Periodico dos Pobres do Porto*, para transcrever em nossas columnas o seu artigo, ácerca do novo quadro pintado pelo director da Academia Polytechnica do Porto, visto que as relações de sangue que nos ligam a este professor são tão proximas, que seriam suspeitas, quaesquer palavras nossas em seu louvor.

Eis aqui o artigo a que nos referimos:

130 É na religião que as Bellas-Artes beberam pela maior parte as suas mais sublimes inspirações, para as transmittirem aos seculos pelos genios grandiosos que as teem ornado, e que teem resplandecido em toda a historia moderna. Na poesia fallam Tasso com a *Gerusalemme Liberata*, Dante com a *Divina Comedia*, Milton com o *Paradise Lost*, e Lamartine com o *Jocelyn* — na musica Haydn e Pergoleso com os seus *Stabat Mater*, Jomelly com o seu *Miserere*, e Mozart com o seu sublime *Requiem* — na esculptura Canova com a *Temperança*, a *Mansidão* e a *Magdalena* — e na pintura ahi fallão Miguel Angelo Buonarotti, o Grão-Vasco, Rafael de Urbino, Salvador Rosa, Titiano, Tintoretto, e tantos outros com os mais sanctos assumptos da religião.

O nosso seculo abalado continuamente por cataclysmos politicos, não tem produzido obras como as daquelles, porque, contra a opinião de habeis criticos, julgamos que as epochas de revoluções podem, é verdade, fazer apparecer grandes talentos nas sciencias da politica ou da guerra, mas não nas Bellas-Artes, onde o descanço e a meditação são os conselheiros fieis das grandes obras. Todavia alguma cousa tem apparecido, mas os seus auctores foram quasi todos buscar os motivos dos seus trabalhos, fóra daquelle rico manancial.

É por isso que se torna ainda mais notavel a obra de que vamos dar noticia aos nossos leitores, a qual é o quadro feito pelo Sr. João Baptista Ribeiro para a egreja de Santo Ildefonso.

Rico na invenção, correcto no desenho com um colorido appropriado, e cheio de expressão é aquelle quadro uma das boas producções deste professor. O pensamento que o resume é a crença na religião, é a fé no seu mais sublime mysterio na Eucharistia. A custodia sustentada por dois anjos, e rodeada por muitos outros apparece no espaço radeante da luz — a fé debaixo da figura de uma virgem eleva as suas vistas para aquelle magnifico espectaculo, tendo n'uma mão levantado o calix da redempção, e encostada ao braço a Cruz do Salvador, e calcando com um dos pés as azas da heresia symbolisado n'um basilisco que vomita as chammas de impiedade — S. Pedro, o patriarcha da egreja, de joelhos aos pés da fé, offerece as chaves do céu aos que acreditarem naquelle augusto mysterio, e na unidade de Deus que elle symbolisa com o dedo indicador na mão direita que tem erguido.

Não sei que se possa exprimir um pensamento com mais felicidade, e mais talento — se o quadro tivesse grandes defeitos artisticos, o bello da invenção e da composição fal-o-hia desapparecer: mas em tudo o auctor mostra saber e estudo.

O desenho é severo e correcto, porque é a expressão do natural onde o Sr. João Baptista estuda sempre. O colorido se n'uma ou outra parte é menos bom, é soberbo em toda a figura da fé, na do anjo que sustenta a custodia pela parte inferior, e especialmente na de S. Pedro — nesta, assim como nas chammas que vomita o basilisco, os mais escrupulosos pouco acharão que notar nas propriedades das sombras, e das cores, é a imitação do Titiano. A cabeça de de S. Pedro tem uma expressão que recorda immediatamente no seu genero, uma dessas da escola do Perugino — a face da fé se não tem tanto vigor reflete todavia a melancolia dos quadros do Vieira Portuense; por toda a parte se nota um gosto delicado, um pincel seguro, e uma facilidade que não é partilha de todos. A luz acha-se perfeitamente distribuida e propria nos dois diversos planos do quadro; e finalmente o author mostrou que lhe eram familiares as mais importantes regras d'arte.

O desleixo em que estão as nossas coisas ácerca de sciencias e artes, por culpa de muita gente que a não devia ter, é a principal causa de apparecerem poucas obras de merecimento, e é por este motivo que aquella de que acabamos de fallar merece a attenção dos amadores, que a devem examinar.

Só accrescentaremos que o *Nacional*, do Porto, reproduzindo este mesmo artigo, diz o seguinte:

Damos com sincero prazer cabimento em nossas columnas ao seguinte communicado, e não podemos tambem deixar de render as devidas graças á illustre mesa do Santissimo Sacramento de Santo Ildefonso que — mandando pintar o quadro de que falla o communicado, deu occasião a que possuissemos mais esta magnifica obra de um dos nossos melhores artistas.

NOTICIAS E COMMERCIO.

THEATRO DE S. CARLOS.

131 Os jornaes de Milão publicaram já a lista dos artistas que a nova empresa de S. Carlos escripturou, para a epocha theatral de 1850—51. Eil-a aqui:

Rosina Stoltz } 1.as damas.
Clara Novella }
Eugenio Musich } 1.os tenores.
Carlos Scola . . . }
J. B. Portehaut — barytono.
Cornago Baptista — 1.º *basso* profundo.
Rocco — *basso* comico.
Libonati — compositor de dança.
Um 2.º *basso*.
Um machinista.
Um director de *mise en scéne*.
Genoveva Monticelli — 1.ª bailarinha absoluta.
Erminia Cagnoli } 1.as damas supplementares.
Brambilla Pezzali }

Foi escripturada em Lisboa como primeira bailarina absoluta a Sr.ª Maria Luiza Bussola.

Pelas informações que temos, os artistas escripturados gosam de muitos creditos, e devem tornar, a proxima estação theatral, uma das mais agradaveis estações musicas do nosso theatro.

Não se póde guardar silencio sobre a valiosa aquisição da celebre Madame Stoltz uma das mais reconhecidas sumidades musicaes, e por este facto merece desde já a Empreza os maiores louvores.

NOVO INVENTO HISPANHOL.

132 Ha mezes que a imprensa hispanhola e tambem a franceza fallam, como de uma grande maravilha, do aerostato por novo systema, de extraordinarias dimensões, que o Sr. Montemayor está construindo no seu logar de Valverde, com empenho notavel e pasmosa perseverança.

Os redactores de *La Esperanza* testemunham n'um dos n.os do corrente Novembro, que viram a maquina da invenção do Sr. Montemayor, e que estão convencidos quanto é possivel estar em objectos desta natureza, de que desta vez, se não se conseguir navegar pelos ares, ficará pelo menos tão adiantada a empreza, que se effectuará dentro em poucos annos. Theoricamente fallando lhes parece demonstrado que se podem verificar as quatro condições do novo invento; subir, caminhar horisontalmente, deixar a direcção do vento quando assim convenha, e descer quando se quizer.

« O Eólo, nome que o inventor dá á sua maquina, nem é redondo, nem cylindrico, como alguem imagina, nem tem absolutamente a figura de um passaro, sustentado e conduzido por dois balões, como o representam certas estampas que especuladores fraudulentos impingiram ao publico desta capital ha poucos dias. Parece-se, sim, a uma ave, que voando por impulso proprio offerece ao vento, na cabeça e nas extremidades das azas, as tres proas, que, segundo se exprime com sincera piedade o Sr. Montemayor, Deus concedeu a todas as aves. — Tem a maquina 105 pés de largo, e 80 de comprido contando a parte movel que faz de cauda, ou leme: a força impulsiva corresponderá pouco mais ou menos á de 28 cavallos:

e a que a deve suster nos ares egual ao pezo de 150 quintaes. A obra poderá estar concluida, se a estação não fôr contraria, no fim do corrente anno.

THEATRO DE D. MARIA II.

133 Foi mister o beneficio do Asylo da Mendicidade, para que uma brilhante sociedade se reunisse naquelle theatro normal, em que a arte dramatica se vae enterrando na sepultura, acompanhada por um cortejo official de auctoridades e de *homens de lettras*.

A Commissão Administrativa do Asylo viu coroados os seus esforços, e este beneficio foi mais uma prova de seu incançavel zelo. O que houve de notavel neste beneficio, que os pobres asylados pagaram aos actores a quem a nação concede um edificio riquissimo, e um avultado subsidio, foi o desinteresse de verdadeiro artista com que o Sr. Engenio Mazoni se prestou tão gostosamente a encantar os espectadores com uma phantazia sobre a opera — Guilherme Tell — tocada no pianno com bella execução e bem estudado methodo. O pianno era dos melhores da acreditada fabrica de M. Pape.

O Sr. Mazoni foi enthusiasticamente applaudido, e como artista e como homem caridoso, apparecia como uma distincção honrosa sobre o palco, destinado ás evoluções dos camellos e dos cavallos, e aos grupos desengraçados de um corpo de baile de praça de arlequins.

Um só dos muitos applausos que o Sr. Mazoni recebeu, tem mais valor do que a verba com que o beneficio dos pobres foi augmentar a receita do theatro, subsidiado e normal. Para o publico, aquelle beneficio foi uma festa de caridade, para o theatro, foi mais um beneficio vendido á victima de quaesquer acontecimentos.

BIBLIOGRAPHIA.

134 COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por José da Motta Pessoa de Amorim. Publicou-se a 2.ª folha do tomo 3.º e contém:

HISTORIA SAGRADA. — Os meninos na fornalha de Babylonia, a mão apparecida a Balthasar, Daniel no lago dos Leões, e historia de Belo e do Dragão.

Vende-se a 20 réis a folha na rua Augusta, n.º 1 e 8: e a 300 réis cada volume nos principaes livreiros de Lisboa, Porto e Evora.

ORLANDO FURIOSO, poema em quarenta e seis cantos de Luiz Ariosto, traduzido em versos portuguezes, e precedido de um extracto do ORLANDO AMOROSO, por J. M. de L. O merecimento litterario do celebradissimo poema de Ariosto é tão conhecido, que seria pura inutilidade recommendal-o; quem ha, ainda que menos ao alcance das coisas litterarias, que não tenha sequer ouvido engrandecel-o?

Da traducção diremos que se extrema singularmente das que fazem por ahi gemer os prélos; está escripta em portuguez, e foi feita com felicidade.

Não pertendemos nem lisongear o traductor, nem illudir o publico; vista faz fé; leiam, examinem, e ficamos seguros de que as opiniões dos leitores que o souberem ser, não será em nada desconforme da nossa.

Assigna-se para esta obra, desde já, na loja do Sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.

Preço de cada folha paga no acto da entrega 20 rs. Por seis folhas pagas adiantadas 100 rs. Por volume 360 rs.

BOLETIM COMMERCIAL.

135 — *Praça de Lisboa.* — Dos fundos publicos tem havido muita procura no mercado. Os 5 por cento já foram vendidos a 49½. Acções do Banco de Portugal, 370$000 réis. Fundos de amortisação, 32 por cento. Desconto de Notas 280 réis.

ALMANAK

DA

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE

PARA 1851.

Está á venda Quinta feira 21 do corrente. Preço: para os Assignantes da REVISTA, 80 rs. Avulso 120 rs.